

**A MODERNIDADE E SUAS CONTRADIÇÕES NAS NARRATIVAS
“A CONTRAPELO” DE *ERVA BRAVA***

Andressa Marzani¹
Erika Larissa Santos Sousa²
Vanessa de Paula Hey³

Resumo: *Erva Brava*, obra da escritora e jornalista brasileira Paulliny Tort, publicada pela editora Fósforo em 2021, configura-se a um só tempo como o retrato de uma região e época não tão distantes da realidade empírica de seu leitor. Apesar de representar recortes contemporâneos das problemáticas comuns ao universo interiorano — de que são exemplos: a concentração de latifúndios, as más condições de trabalho, a precariedade de políticas públicas e a destruição do meio ambiente —, as narrativas exploram questões que ultrapassam a esfera regional, tais como o processo de modernização e a constante tensão entre tradição e modernidade, temáticas a serem exploradas por esse trabalho.

Palavras-chave: Paulliny Tort; Erva Brava; Modernidade.

**MODERNITY AND ITS CONTRADICTIONS IN NARRATIVES
“IN OPPOSITION” OF *ERVA BRAVA***

Abstract: *Erva Brava*, a work by the Brazilian writer and journalist Paulliny Tort, published by Fósforo in 2021, is at the same time a portrait of a region and a time not so far from the empirical reality of the reader. Although representing contemporary clippings of the common problems to the interior universe — such as the concentration of large estates, poor working conditions, the precariousness of public policies, and the destruction of the environment —, the narratives explore issues that go beyond the regional sphere: the process of modernization and the constant tension between tradition and modernity; themes to be explored in this paper.

Keywords: Paulliny Tort; Erva Brava; Modernity.

Introdução

Paulliny Tort é uma autora brasileira, jornalista e mestre em Comunicação pela

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, ênfase em estudos literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Linha de pesquisa: literatura, história e crítica. Atualmente estuda a visão do sertanejo e dos sertões em Euclides da Cunha e sua influência nas obras de Alberto Rangel, Gastão Cruls e Peregrino Jr.
E-mail: andressamarzani@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, ênfase em estudos literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Linha de pesquisa: literatura, história e crítica. Atualmente estuda a relação de obras de Lúcia Miguel Pereira e Rachel de Queiroz com o contexto histórico e literário dos anos 30. E-mail: Lssousa.erika@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, ênfase em estudos literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Linha de pesquisa: literatura, história e crítica. Atualmente desenvolve estudos sobre a modernidade, o Modernismo e a modernização nas obras de Monteiro Lobato, Erico Verissimo e Franz Kafka.
E-mail: vanessa.hey@gmail.com

UNB. Estreou na literatura em 2016 com o romance *Allegro ma non troppo*, publicado pela Editora Oito e Meio. Entre os projetos de que participou estão: a *Movida Literária*, reunião de escritores e leitores em bares de Brasília (2017); o comando do podcast *Sem papas: literatura para novos tempos*; e a organização do *Livre - Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos* (2018). Atualmente é jornalista da Rádio Nacional da Amazônia.

Erva brava, primeiro livro de contos da autora, apresenta 12 histórias, todas situadas na cidade fictícia de Buriti Pequeno. Apresentando uma linguagem concisa e fluida, os contos trazem unidade ao livro, em que um narrador em terceira pessoa⁴ mostra diferentes vidas e acontecimentos daquela pequena localidade. Embora as narrativas sejam independentes, diversos elementos comuns são mencionados em diferentes contos. Um exemplo disso é a poluição do rio Amanaju, que afeta diversas personagens ao longo das histórias. Além disso, a obra explora temas como a modernização, a exploração e subsequente destruição da natureza, as condições precárias de trabalho, o patriarcalismo e a desigualdade social. No início de 2022, *Erva brava* foi laureado com o prêmio de Melhor Livro de Contos de 2021 pela APCA.

Nesse artigo, propomos a análise dos contos 'O cabelo das almas', 'Como nascem os sinos' e 'Rios voadores', que estão ambientados no espaço interiorano e exploram os processos de modernização, os fenômenos da modernidade e seus desdobramentos — temas centrais em nossa investigação. A modernidade é retratada como uma experiência ambígua, repleta de oportunidades e consequências, refletindo as rápidas e constantes transformações dessa sociedade. Ademais, discutiremos a representação dos personagens, em sua maioria marginalizados, e a potencialidade de essas histórias transcenderem suas narrativas.

1. 'O cabelo das almas' e a reflexão sobre a escrita da História

'O cabelo das almas', segundo conto de *Erva brava*, narra as desventuras de Chico, Rita e seus filhos durante sua mudança de casa. A família costumava viver no Ranchão, sua antiga propriedade rural. Contudo, Chico resolve vender suas posses “a preço de banana”, levando a família para o Ranchinho. A narrativa toda traz os conflitos e símbolos de uma modernização da zona rural, forçada pela valorização das terras, pelas transformações

⁴ As exceções ficam por conta de “Santíssima”, narrado em primeira pessoa, e “Má sorte”, em que o narrador estabelece um diálogo com o leitor, utilizando a todo o momento “você” e o colocando numa posição de participante dos eventos contados, e não mero espectador.

advindas com a monocultura e pelo desaparecimento de modos de vida tradicionais. Logo no início do conto, percebemos se tratar de uma família pobre, apesar de proprietária de terras. Levavam apenas “dois colchões finos, um fogão a gás, um botijão meio cheio, umas panelas, uns pratos de vidro, uma moringa, duas trouxas de roupa atacadas com lençóis de algodão. Isso mais as ferramentas e as sacas de milho” (TORT, 2021, p. 15). As crianças seguiam a pé, levando miudezas e o cachorro. Chico vai, logo em seguida, numa primeira viagem com a carroça. Sua esposa fica, para verificar se não esqueceram nada.

Ao longo do trajeto da segunda viagem, Rita reflete, desolada: seu marido vendera a terra por pouco; com o dinheiro, só conseguira comprar uma televisão, uma antena parabólica e um sofá. Chico, ao contrário, está tão animado com a venda que chegou a ganhar uma ferida no nariz, de tanto recontar e cheirar as notas recebidas na transação. Assim como no trecho supracitado, aqui a enumeração serve para reforçar a carência material da família. Esses elementos sugerem uma alienação do trabalhador rural pela tecnologia e pelo consumo. Chico não apenas vendeu suas terras por pouco; o fez em troca de confortos materiais oferecidos pela vida moderna e que, contudo, têm o potencial de alienar e amansar o pensamento crítico, como a televisão.

A família está se mudando para o Ranchinho, uma propriedade menor, atrás dos morros. O lugar vivia arrendado para um casal idoso, Sebastião e Tereza, que cultivavam a terra e criavam galinhas. Com a mudança, contudo, os dois tiveram que sair — e pior, nem tinham para onde ir. “Também eles juntaram seus pertences em farnéis e partiram. A diferença era que não tinham destino ou cavalo, puxavam eles mesmos a carroça” (TORT, 2021, p. 17-18). Rita se compadece do destino dos velhos, discutindo com o marido sobre isso:

Ô Rita, Sebastião nasceu e vai morrer rendeiro, não percebe que o velho é preguiçoso? Rita, ainda agarrada à sacola, chacoalhando na subida vagarosa, discorda. O Sebastião sempre foi trabalhador, só chegou tarde, quando não tinha mais terra pra ele e a Tereza. Chico dá com a vara no lombo do cavalo. Pois então azar do Sebastião da Tereza. (TORT, 2021, p. 18)

Mais do que o destino de Sebastião e Tereza, o que preocupa Rita é a assombração do Ranchinho. Desde pequena, ouvia a história de um homem negro — ao que tudo indica escravizado — que morrerá de forma trágica. Desde sua morte, o negro teria permanecido no local, no fundão do mato, assombrando os moradores, fazendo as velas se apagarem e as

panelas da cozinha caírem.

Rita dava muito crédito a essas histórias, e por isso não gostava do Ranchinho, tinha medo, todos sabiam. Também tinha medo das histórias sobre onças e invasores indígenas. Observando esses detalhes, podemos dizer que Chico e Rita representam dois lados opostos da modernidade. Como discute Marshall Berman (2007), a modernidade foi um movimento de diversas facetas e sentidos possíveis, contraditório, em que conviviam sensações díspares como euforia, ironia e terror, e ficou marcada por variáveis e reformulações que a ressignificaram ao longo do tempo. Abertas pelas possibilidades de construção e reconstrução do novo, essas sensações fazem paralelo à impressão de fluidez, vulnerabilidade e ameaça de destruição constante, próprias das mudanças rápidas⁵.

Enquanto o homem resolve vender suas terras e começar uma vida nova, eufórico com as possibilidades trazidas pelo consumo, Rita se mostra desconfiada, apegada à terra e às tradições. O terreno não deveria ter sido vendido; o Ranchinho não prestava, tinha assombração. Já Chico parece não observar as contradições, ou antes, não ver as mudanças de modo negativo.

Não mostra nem mesmo ter empatia com a situação do casal de idosos. Contanto que possa realizar seus sonhos de consumo, pouco importa a Chico a situação de trabalhadores rurais como ele, deslocados de suas terras por interesses externos. Marshall Berman, refletindo sobre a modernidade a partir dos escritos de Marx, indica que o capitalismo (aqui, como uma característica intimamente relacionada ao advento da modernidade) minou a experiência do sagrado tal como o mundo antigo a conheceu, dessacralizando vários aspectos da vida:

De vários modos, Marx sabe que isso é assustador: homens e mulheres modernos podem muito bem ser levados ao nada, carentes de qualquer sentimento de respeito que os detenha; livres de medos e temores, estão livres para atropelar qualquer um em seu caminho, se os interesses imediatos assim o determinarem. (BERMAN, 2007, p. 140)

De maneira semelhante, quem questiona a intenção dos compradores é Rita, não seu marido. Ela relembra uma fala de Tereza de que os fazendeiros andaram criando incêndios

⁵ Em nossa análise, nos aproximamos da discussão que Berman faz das percepções sobre a modernidade durante o século XIX e início do XX. Embora *Erva brava* seja uma obra do século XXI, as narrativas de seus contos parecem pertencer a diferentes momentos históricos, em que percebemos rupturas, mas também continuidades que a aproximam de passados distantes. Nesse conto especificamente, a narrativa assemelha-se a aproximar dessas visões e sensações contraditórias que a modernidade despertava na virada do século, de que nos fala Berman.

propositais para forçar os pobres a venderem suas terras.

Pensa no casal que comprou o Ranchão, não é gente que trabalha com lavoura. Estudados, bem-vestidos, sem filhos. Rita não faz ideia do que os levou para lá, sabe apenas que a culpa de sua infelicidade é toda deles, deles e do burro do marido. O Ranchão pode até não ser grande coisa, mas é muito melhor que o Ranchinho. Como pode valer apenas um sofá, uma televisão e uma antena? (TORT, 2021, p. 20)

Chegando enfim ao destino, Rita tem um presságio, uma sensação de que algo não vai bem. É curiosa essa passagem, em que os elementos da modernização são utilizados para reafirmar um passado de crenças: Rita escuta os barulhos estranhos que as linhas de transmissão de energia às vezes emitem e isso faz com que fique arrepiada de medo. Ao descer da carroça, a mulher sente uma tontura e desmaia.

Os filhos acodem e a seguram pelos braços. Voltando aos poucos a si, Rita repara no homem escorado à porta: “Um homem preto, reluzente, com cabelos tão longos que as mechas se espalham em cordas por metros e metros, dentro e fora da casa, **feito raízes**” (TORT, 2021, p. 21, **grifos nossos**). Rita se surpreende com a própria falta de medo. E é dessa maneira que o conto acaba, deixando em suspenso o que teria acontecido com a família após a mudança: “E ainda tem tino para constatar, maravilhada, que o cabelo das almas também cresce. Quando pisca, desaparece o homem, restando a porta aberta e empenada, sem verniz ou tinta, nua” (TORT, 2021, p. 21).

Um destaque em 'O cabelo das almas' é a visível contradição entre a modernidade e a tradição. Contudo, ela não se dá somente pela diferença de visões entre marido e mulher. Através das lembranças de Rita, temos acesso a diferentes momentos da história local, por pistas que aparecem aqui e ali, e embora não totalmente explicadas, nos dão uma dimensão do passado daquele lugar: a história da crueldade da escravidão, mediante a figura da assombração; a invasão das terras indígenas, através dos caras-pretas; e a exploração do meio ambiente, a partir do sumiço das onças e do verde sem-fim da soja.

Refletindo sobre o tempo e a construção do conhecimento histórico, François Hartog (2013) retoma parte da historiografia (isto é, da escrita da história) do século XX, e sua relação com a modernidade, apontando para as mudanças de percepção surgidas em diferentes correntes de interpretação. Segundo o autor, Fernand Braudel e o movimento da Escola dos Annales já traziam a reflexão sobre a inexistência de um tempo único: “Não há mais um tempo único e, se o tempo é ator, é um ator multiforme, proteiforme, anônimo também [...]”

(p. 34). A isso se somaria a questão da pluralidade das culturas trazidas por Lévi-Strauss, possibilitando o entendimento da História não com uma direção inequívoca (geralmente relacionada ao progresso), mas como um conjunto complexo de fatos e ocorrências de diferentes significados, a que o estudioso tenta dar inteligibilidade.

Nesse sentido, a história regional retratada pelo conto apontaria para diferentes momentos históricos que, de certa forma, coexistem, pois se relacionam entre si e influenciam ainda o presente. A exemplo disso, um passado marcado pela violência da invasão dos territórios indígenas que não ficou esquecido no tempo, mas continua nas vivências dos descendentes desses povos — os “caras-pretas”, como costumavam ser chamados os povos Munduruku — e dos habitantes do mundo rural que os encontram.

Tereza [...] falou dos caras-pretas. Não podem ver uma tampa de panela, um pedaço de lata que pegam para fazer ponta de flecha, dona Rita. Anos atrás, os caras-pretas haviam roubado as sacas de arroz do Sebastião, só que esvaziaram tudo no paiol, levando apenas as sacas vazias, que não valem nada. Desde que acabaram com a aldeia deles na Mata do Café, os que sobraram vagam por aí, sem rumo, com medo e causando medo, deslocados do mundo. (TORT, 2021, p. 19)

Um passado de escravização dos negros africanos e afrodescendentes, tempo igualmente de violência e de crueldade, que ainda hoje marca nossa sociedade em termos de desigualdade social e preconceito. E que na narrativa aparece sob a forma de um fantasma que está sempre à espreita, enraizado àquela terra, se fazendo lembrar, como uma mancha que não se pode apagar da História:

Desde menina, Rita conhecia a história desse homem, que morreu no fundão do mato, arrastado pelo cavalo árabe de um tal Bartolomeu, fundador e benemérito da pedreira Bom-Cristão. Os antigos contavam que Bartolomeu pioneiro se entendia como dono daquele homem e estava muito insatisfeito com sua teimosia. Afinal o homem teimava em não quebrar as pedras, teimava em fazer feitiços, teimava em fugir, teimava de todas as formas, não prestava para trabalho nenhum. Um dia, amarrou o homem ao cavalo pelos pés e o arrastou sobre as pedras morro acima, até que se desmanchasse. (TORT, 2021, p. 19)

E, ainda, um passado em que os pioneiros, que seriam os fundadores das cidades, os “bons cristãos” — como o sobrenome de Bartolomeu curiosamente aponta —, foram também os responsáveis pela violência e opressão. Por fim, um presente de exploração desenfreada da

natureza, da substituição da diversidade natural pela monotonia da soja⁶. Diferentes momentos que nos remetem à história mais geral de colonização e exploração da terra e dos povos que marcam o Brasil.

Nesse sentido, podemos afirmar que Paulliny Tort reflete sobre a construção da História. E embora seja a história local de uma cidade imaginada, Buriti Pequeno, e seu entorno, bem poderia ser a história real de muitos dos municípios ou regiões rurais brasileiras. Ao apontar suas contradições, a violência de seus processos, os grupos marginalizados ou os trabalhadores precarizados, suas narrativas se aproximam do que Walter Benjamin chamou de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225), ou seja, de contar a história da perspectiva dos vencidos; questão a que voltaremos mais adiante.

2. A modernidade em 'Como nascem os sinos'

No conto ‘Como nascem os sinos’, terceiro de *Erva Brava*, acompanhamos a narrativa de Tônico, o antigo sineiro de Buriti Pequeno. Sob a perspectiva de um narrador em terceira pessoa, pouco intruso, conhecemos esse que outrora fora responsável por tocar os sinos da única igreja da cidade — a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos —, localizada em sua região central. Através da trajetória desse personagem, somos conduzidos à representação da tradição de uma localidade, que ele insiste em preservar.

A morte, temática que atravessa a leitura dos contos de *Erva Brava*, é aqui explorada de diversas formas. A primeira delas aparece logo no início do conto, na descrição do personagem principal: um senhor de idade avançada que sente a vida se aproximar do fim, “devagar, sem escândalo” (TORT, 2021, p. 22). No entanto, como o narrador aponta, Tônico teme a morte, e pensa que não lamentarão o seu falecimento, “afinal quem sente falta de velhos tão velhos?” (TORT, 2021, p. 22). O comentário, que inicialmente reflete sentimentos de melancolia e pessimismo em relação aos momentos finais da vida, é justificado na sequência pela ausência daqueles com quem Tônico compartilhou sua história; os quais já se encontram mortos — as irmãs, os primos, os colegas de escola, “as moças que amou”, “os dois padres que conheceu bem” e o “médico que tratou sua gastrite em 1966” (TORT, 2021,

⁶ “Estica o pescoço e vê apenas eucaliptos plantados junto à sede de uma fazenda rica, campos sem fim de um verde monótono, lavrados por uma máquina amarela que anda em zigue-zague. Fazia tempo que Rita não vinha por esses lados, não sabia que ali já se encontravam tamanhos vazios. Então onça não tem mais, ela pensa, sentindo de repente que tem mais medo da soja que dos bichos.” (TORT, 2021, p. 20)

p. 23).

Enquanto caminha em direção à igreja, Tônico reflete sobre a iminência da morte e seus desdobramentos. Ele elabora mentalmente o cenário de seu próprio velório, visualiza a capela branca e iluminada, onde o caixão ocupará o centro, rodeado por crisântemos. Morto, Tônico “vestirá um terno azul-celeste” que ele já tem separado (TORT, 2021, p. 22). A morte que imagina é uma morte serena, tranquila e conciliadora.

A morte literal, que se aproxima do personagem através de seus pensamentos e se revela em suas fraquezas físicas — na dificuldade de andar pelas ruas da cidade, de subir as escadas da igreja, na força, enfim, que sente escapar de seu corpo — é acompanhada de outra morte, desta vez simbólica, a morte de uma tradição que herdou de seu pai e que tenta a todo custo manter viva:

Aos treze anos, começou a aprender com ele a linguagem dos sinos, praticando de domingo a domingo, em latas, tampas e painéis, para substituí-lo um dia no alto da torre. Os sinos. Amava-os como o pai os tinha amado, entendia-os como se falassem a mesma língua, respeitava-os, mas Tônico envelheceu, agora não consegue mais. Alguém, no entanto, precisa continuar (TORT, 2021, p. 23).

Como se observa na passagem, os sinos, mais do que relacionados a um mero ofício, exercem sobre Tônico uma influência afetiva e simbólica. Intimamente associados à memória do pai, eles refletem sua relação de respeito para com o patriarca, a dedicação frente aos momentos de aprendizagem na infância, bem como a linguagem que eles (pai, filho e sinos) compartilham — e que ninguém mais parece entender.

Na narrativa, o papel dos sinos ultrapassa a esfera individual, a história pessoal desse sineiro, servindo também à coletividade, à comunidade de Buriti Pequeno. Diante das calamidades que assolavam a cidade, um incêndio, por exemplo, Tônico era sempre o primeiro a ser chamado — “antes do delegado, antes do prefeito, antes do doutor” (TORT, 2021, p. 24); corria à torre da igreja e tocava os sinos, alertando e convocando todos a se mobilizarem. Além disso, os sinos também soavam para comunicar acontecimentos importantes na vida dos moradores, como nascimentos, batismos, primeiras eucaristias, crismas, casamentos ou até mesmo mortes. Dessa forma, eles estavam presentes tanto nas histórias individuais quanto coletivas dessa população.

Porém, como nos informa o narrador, os sinos foram substituídos há mais de vinte anos por alto-falantes situados na porta da igreja, e “isso bastou”, “nem mesmo o padre

parece[u] se importar” (TORT, 2021, p. 25). Quem se preocupa, na verdade, é Tônico, que, desgostoso com a situação, não consegue entender “como podem manter uma igreja sem sino [..], se cada igreja tem seus sinos e cada sino sua voz” (TORT, 2022, p. 25). Não consegue aceitar, portanto, “como as coisas deixam de ser importantes assim, sem explicação” (TORT, 2021, p. 24). Deflagra-se a partir dessa situação, e no conto como um todo, o embate entre uma tradição e as mudanças tão comuns à dinâmica da modernidade.

Ao realizar sua análise crítica da modernidade, Marshall Berman (2007) explora o caráter paradoxal e contraditório do indivíduo em sua experimentação. Para o autor, a modernidade pode ser entendida como uma experiência em que todos são movidos, ao mesmo tempo, “pelo desejo de mudança — de transformação do mundo em redor — e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços” (p. 21).

Ser moderno, segundo afirma, é “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor”. No entanto, ao mesmo tempo, esse ambiente também representa uma ameaça, capaz de “destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos e tudo o que somos”. A modernidade é, então, caracterizada como uma “unidade de desunidade”, que nos “despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. Ser moderno é fazer parte de um mundo no qual, como afirma Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 2007, p. 24).

O caráter fluido e instável da mudança, própria dos tempos modernos, é evidenciada em ‘Como nascem os sinos’. Nessa história, ao contemplar a cidade, Tônico percebe o crescimento urbano desordenado, com inúmeras ruas que agora “se estendem até bairros novos, mais apertados, onde se enfileiram algumas dezenas de casas pobres e idênticas” (TORT, 2021, p. 25); repara na loja de maquinário agrícola com seu imenso pátio para tratores, construída no espaço um dia ocupado pela escola; reflete também sobre seus tempos de estudante, lembrando-se das condições precárias da infraestrutura escolar, os poucos recursos materiais disponíveis para o aprendizado: “graças a Deus, as crianças de hoje não precisam escrever em pedras” (TORT, 2021, p. 25). Medita, ainda, a respeito da conjuntura ambiental, sobre o rio que se vê cada vez mais diminuído e poluído em decorrência da cidade que se desenvolve “devagar, mas ferozmente, como um tumor” (TORT, 2021, p. 25-26).

O rio, descreve Tônico, fora um lugar comunitário no passado, de socialização e trabalho coletivo. Um espaço que lhe traz boas lembranças da infância, onde brincava com os

amigos. Agora, no entanto, “o que sobrou foi essa água podre, esse esgoto” (TORT, 2021, p. 26). Em tom profético, antecipa aquilo que veremos somente em 'Rios voadores', último conto dessa coletânea, a saber, que a “cidade ainda vai desaparecer” (TORT, 2021, p. 26).

À exceção da escola e das melhorias nos recursos materiais para o aprendizado das crianças, Tónico não percebe a transitoriedade do estado das coisas, a forma como mudaram e se reorganizaram, como algo paradoxal e contraditório, tal como define Berman ao defender que tanto os aspectos positivos quanto os negativos compõem a experiência da modernidade. Tónico, por sua vez, percebe-a quase que exclusivamente por seu caráter nocivo e destruidor. Os tempos modernos desestabilizam sua compreensão de mundo, bem como os elementos que o compõem, afastando-o do universo que conheceu e que já não existe mais.

A ambiguidade dessa experiência é analisada também por Anthony Giddens (1991). Segundo ele, a modernidade que a todos engloba, afetando uns mais que a outros (a depender de sua situação social, econômica, cultural, racial, ideológica e religiosa), deve ser entendida como um “fenômeno de dois gumes” (p. 17). Primeiro, as oportunidades criadas a partir do desenvolvimento das instituições modernas e de sua difusão — “bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno” (GIDDENS, 1991, p. 17). Depois, as consequências degradantes dessa era, dentre as quais ele cita: i) a forma como se realiza o trabalho agrícola e industrial moderno, que submete “muitos seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo” (GIDDENS, 1991, p. 17-18) — de que são exemplos a forma de trabalho e as más condições que os funcionários do conto 'Má sorte' estão expostos; e ii) a destruição em larga escala do meio ambiente (GIDDENS, 1991, p. 18) — que pode ser vista nas inúmeras menções aos danos ambientais oriundos da exploração da natureza tal como retratados em *Erva Brava*.

Se existem benefícios e conveniências advindas do processo de modernização dessa cidade, esses são sentidos por outros que não ele, Tónico, tais como os proprietários das plantações de soja, os políticos, delegados e donos dos grandes estabelecimentos comerciais da região. Ao personagem, que vê a modernidade como uma ameaça a toda sua história e tradições, restam apenas a memória e a resiliência.

De um lado, ideias, sensações e impressões adquiridas anteriormente, as lembranças daquilo que jamais voltará a existir: “Tónico se lembra, porque lembrar agora é seu ofício” (TORT, 2021, p. 24). De outro, a resiliência, que se reflete na persistência com que ele resiste às situações adversas, dedicando-se a combatê-las através da manutenção da tradição por ele

herdada, como uma espécie de brecha de vida que se desenvolve mesmo em circunstâncias desfavoráveis. A arte dos sinos, como vemos ao final do conto, será ensinada a Josué, sobrinho-neto de Tónico, afinal:

Alguém [...] precisa continuar. E pouco importa que não tenha ritmo e outros atributos; se for preciso, Tónico repetirá com o aprendiz cada dobre e cada repique milhares de vezes, até sangrarem as mãos, até falharem os dedos, até que o aprendiz aprenda, **porque alguém precisa aprender** (TORT, 2021, p. 24, **grifos nossos**).

Através da narrativa, ficamos sabendo que Josué não se interessa muito pelos sinos; aceita as aulas do tio-avô em troca de algum dinheiro. Ao que tudo indica, Josué não continuará o ofício e essa tradição esvaecerá como a fumaça de seu cigarro que “atravessa a sineira e desaparece no vento” (TORT, 2021, p. 29).

A modernidade em 'Como nascem os sinos' não se mostra via representação explícita de artefatos e inovações modernas; destaca-se, antes, pela exploração da subjetividade vinculada a uma tradição constantemente ameaçada de desaparecimento. Assim, a narrativa se constitui como mais uma história contada a partir da perspectiva dos vencidos (BENJAMIN, 1994), como uma forma de resistência diante da modernização das estruturas sociais e culturais que (des)orientam o indivíduo na sociedade moderna e contemporânea. A tradição dos sinos se conecta a várias outras que, não fossem registradas pela História (em geral, "a contrapelo") ou pela Literatura, dificilmente seriam lembradas. Esses registros são responsáveis pela preservação da memória coletiva e individual.

3. 'Rios voadores' e a modernidade sem futuro

'Rios voadores', último conto de *Erva Brava*, narra a chegada de um dilúvio a Buriti Pequeno, que arrasta pessoas e toda a quinquilharia moderna até o fim da cidade. O conto se conecta aos anteriores, de forma que destacamos a seguir as possíveis referências a 'O cabelo das almas' e 'Como nascem os sinos'. Junto a isso, o tom de crítica à modernização se intensifica, ponto que também abordaremos.

O conto inicia com o anúncio da tragédia ambiental. A narração aponta um efeito cascata: após um longo período de seca, surgem rios voadores da Amazônia; tempestades arrasam a natureza por três dias e três noites; até que a situação alcança Buriti Pequeno:

Na vila, o Amanaju aguarda na iminência do transbordamento. Aquele quase, quase, igual a leite fervendo na panela, até que a água malcheirosa extravasa e avança sobre o chão de pedras; o rio não é mais rio. **Alcança as primeiras casas**, as lojas de comércio, a delegacia e o prédio da prefeitura, dando início à debandada geral, com as pessoas tentando salvar **objetos pessoais, documentos, mercadorias**. (TORT, 2021, p. 92-93, **grifos nossos**)

Então, nota-se que: i) a descrição lenta explora intensamente o sofrimento dos indivíduos e ii) o primeiro movimento dos moradores é proteger seus bens pessoais. Não que seja uma novidade introduzida nesse conto, já que os objetos sempre rondam as personagens de *Erva Brava*. Se em 'Rios voadores' as pessoas “saem com o que é possível carregar, uma **tevé**, uma criança, um gato, uma bolsa puída na cabeça”, de forma semelhante, em 'O cabelo das almas', a terra dos personagens é trocada por um sofá, uma **televisão** e uma antena. Com isso, o livro enfatiza, por meio dos substantivos, a prioridade dada às “coisas” em detrimento das pessoas e das memórias.

Em prosseguimento ao dilúvio, as próximas vítimas são as granjas:

E na descida a enxurrada arrasa as duas granjas, a de porcos e a de galinhas, dissolvendo-as como se fossem de açúcar. As granjas e tudo o que havia nelas, bichos, merda e gente. Quando a enxurrada que desce o Morro da Baleia encontrar o Amanaju, os espíritos não se lembrarão de nós. (TORT, 2021, p. 94)

As granjas são citadas desde o primeiro conto do livro como responsáveis pela poluição do rio Amanaju. Porém, a única reclamação explícita a esse fato é feita por Tônico, em 'Como nascem os sinos': "Éramos umas bestas, mas pelo menos nadávamos nesse rio. Minha nossa, como nadávamos nesse rio!" (TORT, 2021, p. 25-26).

Para ele, o suposto progresso pode até ter melhorado a educação das crianças, mas retirou delas a possibilidade de nadar em um rio minimamente limpo. Com isso, o personagem se torna a memória viva da cidade, especialmente dos tempos que antecedem à sua modernização. Isto é, enquanto protagonista de um dos primeiros contos, ele parece servir de alerta quanto às possíveis consequências desse processo. E, no final, todo o tom alarmista de sua fala, como vimos, é confirmado, já que a narração de 'Rios voadores' aponta: agora não há mais volta, nem os espíritos se lembrarão da cidade.

Após destruir as granjas, o cenário apocalíptico continua a se desenrolar, misturam-se “cocôs de gente pobre e de gente importante” (TORT, 2021, p. 95). Nesse momento, tem-se a impressão de que todos, pobres e ricos, estão na mesma situação. Porém, logo se confirma que os ricos da cidade fogem, calculando prejuízos como máquinas (nos termos do narrador).

O cenário catastrófico se acirra a cada linha, refletindo o desespero das pessoas, que persistem em tentar salvar seus bens materiais, obviamente em vão. Ao fim, todos precisam se abrigar na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, onde o padre e os fiéis desistem de implorar ao poder público pela salvação e apenas esperam pelo fim.

A partir disso, pode-se afirmar que o conto apresenta mais um panorama da tragédia do que aprofunda as personagens, como o seguinte parágrafo demonstra.

Na penumbra das últimas casas que ainda não foram alagadas, agarrado a terços e mandingas, comendo restos de biscoitos amolecidos, desatento às crianças que brincam ignorantes do mal que grassa, **o povo espera. Não há o que fazer além de esperar.** Até que se ouve o rumor da água, a fúria com que invade a vila, um terremoto, e todos correm às janelas para saciar aquela sede estranha de desgraça, ainda que dessa vez sejam eles mesmos os desgraçados [...]. Tentam vencer a correnteza, mas há dificuldade, os paralelepípedos estão se soltando, novos buracos se abrem no chão, não há terra firme. Desentocados, os ratos nadam lado a lado com os homens e nesse momento são tão parecidas as duas espécies que não existe entre elas qualquer animosidade. Aos ratos, nesse dia, é permitido viver. Homens e mulheres choram por toda parte, choram por suas camas e colchões, por suas geladeiras e roupas, pela noite que se avizinha sem teto. Onde dormirão? (TORT, 2021, p. 94, **grifos nossos**)

Percebe-se, por exemplo, a frequência marcante das enumerações, em que os objetos e as ações ocorrem uma atrás da outra, sem pausa, numa leitura agonizante. Com esse procedimento, temos acesso a cenas piores a cada linha — dos ratos aos humanos, das bolsas aos cachorros, ninguém escapa. E enquanto os pobres de Buriti Pequeno desistem e correm para ver o próprio fim, nós leitores persistimos até descobrir o que de pior pode ocorrer.

Mas uma personagem desde o início já desistira de sobreviver: Zezinho, morador de rua, quer mais é que a cidade acabe, desejo anunciado desde o início do conto.

Zezinho, **que há pouco tempo era o único mendigo da região**, quer mais é que todos se fodam, que a água bote esse povo escroto para correr. No cemitério, onde ele costuma dormir, à exceção do som da chuva contra as lápides, o silêncio é absoluto. Ninguém sabe que a enchente é só o começo e que a tromba-d'água vem descendo a corcova do morro, mas **Zezinho pressente que algo está para acontecer e gargalha de felicidade, chega a verter lágrimas.** (TORT, 2021, p. 93, **grifos nossos**)

Novamente, Tort insere uma personagem que prevê o pior, como fizera em 'Como nascem os sinos'. Mais que isso, dá destaque aos desejos de um morador de rua, o que chama atenção em um conto que é mais panorama do que aprofundamento de personagens. Como uma espécie de “personagem a contrapelo”, é Zezinho, marginalizado, quem tem o direito de

anunciar a tragédia.

Além de Zezinho, apenas outro personagem é especificado, o padre. Ao contrário do desabrigado, o religioso procura na fé uma resposta para a situação, apesar de, por vezes, também perder a esperança.

Nas últimas linhas, de novo, Zezinho e padre ganham um certo destaque.

Pela manhã, quando o sol se levantar, abrirão as portas da igreja e descobrirão que todas as casas desapareceram. E todas as lojas, a praça, o coreto. Verão que não existe mais mercado, rodoviária, hospital, calçamento. Constatarão estupefatos que, à exceção da igreja dos pretos, não há mais nada. **Apenas um único e imenso rio, onde Zezinho boiará e gargalhará com os olhos vidrados e a boca cheia de dentes apodrecidos.** De um lado a outro do vale, a água se estenderá turva. E o **padre desconcertado dirá que talvez a cidade tenha se redimido.** Já não existe Buriti Pequeno. E somente nós, eu e você, saberemos: daqui em diante será como se nunca houvesse existido. (TORT, 2021, p. 98, **grifos nossos**)

Mesmo com suas diferenças, as duas personagens parecem confirmar uma tendência que perpassa o livro: o protagonismo é dos personagens marginalizados⁷. Com eles, e com a massa sem nome (os animais e os pobres), a autora parece usar o procedimento destacado por Hutcheon (1991), de utilizar a literatura contemporânea como espaço para repensar a História, destacando os que sempre estiveram excluídos das narrativas.

Se fosse produtivo resumir um conto tão denso quanto esse, poderíamos dizer que ele tematiza o sofrimento inescapável de viver a exploração capitalista moderna. No final, só os ricos sobrevivem, enquanto aos pobres não sobra um resquício de dignidade.

A narração trabalha o sofrimento tanto da **perspectiva material** (objetos/bens de consumo) quanto **imaterial** (memória). Ela nos lembra que os pobres sofrem por perder suas casas e por serem esquecidos pelos agentes públicos. Simultaneamente, também, o fim relembra que a cidade até sobrevive, mas apenas narrador e leitor saberão da sua existência.

Portanto, Paulliny Tort explora até o fim as contradições da modernização. Se ela radicaliza a noção e o controle do espaço e do tempo, como Harvey (1993) aponta, Tort cria um espaço relativamente misterioso e sem tempo definido — tal como acontece em muitas

⁷ É curioso reparar que a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é a única a se manter em pé. Assim como o mendigo, marginalizado, a igreja é uma construção historicamente destinada aos africanos escravizados, que só poderiam manifestar sua fé nesses espaços separados dos brancos. Nesse sentido, a narrativa a contrapelo se dá na medida em que espaços e indivíduos à margem são os únicos que, ao enfrentarem o cenário apocalíptico, resistem.

narrativas de Guimarães Rosa⁸. Se o projeto aparente é de progresso, Tort lembra que a tragédia é inevitável e que os responsáveis são os únicos a escapar.

Como último ato, 'Rios voadores' valida todas as pequenas indignações de cada figura marginalizada do livro — de que são exemplos: Tônico, com sua aversão às mudanças; e Rita, de 'O cabelo das almas', que diz ter mais medo do agronegócio do que dos bichos. Pessimista, realista ou exagerado? A decisão agora é de quem lê.

Conclusão

Em sua nona tese do ensaio 'Sobre o conceito de História', Walter Benjamin discorre sobre os perigos de uma escrita da História que continua a reafirmar os vencedores, propagando uma pretensa versão "oficial dos fatos". Crítico da ideia do progresso, ele discute a necessidade de uma reflexão profunda sobre a construção do conhecimento histórico:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

O trecho destacado reflete uma visão melancólica do processo histórico, apresentado como um ciclo incessante de desespero, no qual muitos dos produtos intelectuais e culturais apenas espelham a história de abuso e violência sofrida pelos oprimidos e marginalizados. O "anjo da história" é, para a sua teoria, apenas a ponta do *iceberg* de uma crítica maior direcionada ao progresso e à escrita oficial da História.

A nosso ver, essa concepção de progresso e desenvolvimento humano, pensados como processos superficiais de custos incalculáveis a serem pagos pela humanidade (a qual parece ignorá-los), também é compartilhada pelos contos de *Erva Brava*, através, principalmente, da representação da modernidade e da modernização. Neles, as mudanças desencadeadas por esse processo são a todo momento questionadas; é o que se vê, por exemplo, nas reflexões

⁸ Além disso, *Erva Brava* também aborda uma temática recorrente nas narrativas de Rosa: a tensão entre modernidade e tradição.

pessimistas de Tónico e Rita quanto à forma de organização desse novo mundo, cheio de transformações para as quais não foram preparados. O universo que se descortina diante deles — de apagamento de tradições, memórias e histórias — emula o movimento contraproducente do "progresso pelo progresso", denunciado por Benjamin, o qual terá como últimas consequências o apocalipse figurado pelo conto final.

Ainda segundo Benjamin, o chamado desenvolvimento humano seria resultado de muitas forças opressivas e narrativas tendenciosas, reportadas sempre do ponto de vista dos vencedores, como um aglomerado de ruínas e catástrofes. O anjo representaria, então, o espanto ante à humanidade sendo arrastada por um progresso irrefreável.

Em *Erva brava*, a reflexão histórica e crítica ao progresso aparece como retomada das feridas do passado que não cicatrizaram, como a colonização, a escravidão, a diluição dos modos de vida tradicionais, e mesmo através da discussão sobre a destruição ambiental.

Todas essas transformações vão saltar aos olhos na narrativa construída por Paulliny Tort, relacionando passado e presente de forma a reconstruir o olhar sobre o local. História de sofrimento e de opressão, mas também de resistências, as narrativas de *Erva Brava* são como o cabelo das almas que continua a crescer, como raízes. Força de uma história que não quer ser apagada, que precisa ser lembrada, enraizamento de elementos ancestrais. A narrativa a contrapelo, possibilitada pela literatura, traz outro olhar para a História.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção História e Historiografia).

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HUTCHEON, Linda. A intertextualidade, a paródia e os discursos da História. In:

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

TORT, Paulliny. *Erva Brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.